

UMA CERTA MARIA GOUVEIA

Virgílio Melo

Era uma vez certa Maria Gouveia, empresária, vinda dos longes de Portugal para se estabelecer a 1.100 metros, nos altos do Espinhaço, com o intuito de criar gado e abastecer de carne o nascente Distrito Diamantino, nos idos de 1736. Poucas décadas depois, a região se tornaria uma das mais ricas do mundo, e a fazenda daria lugar a uma cidade, a 35 km da atual Diamantina.

Com o fim da mineração, a pacata Gouveia tem hoje uns 15 mil habitantes. Do casario colonial pouco restou, mas seus atrativos naturais se mantêm. Cerrados e campos rupestres se estendem da beira do rio Paraúna, 550 m sobre o mar, até os 1.550 m de altura do Morro Redondo, ponto culminante donde se tem larga vista da vertente oeste do Espinhaço, despejando afluentes no São Francisco. A diversidade vegetal e mineral também são impressionantes, além de vários painéis de pinturas rupestres, ainda não catalogados. Sua rústica beleza sofre ameaça da mineração de diamantes, quartzito, quartzo, manganês e queimadas predatórias. A administração municipal ainda não investe na divulgação turística. Já os pontos de interesse turístico (belíssimos) ao longo da antiga via férrea Diamantina-Corinto foram descritos em texto anterior.

Na estrada, a partir de BH, depois de Curvelo, passa-se pelo rio das Velhas, e logo à frente, sobre o Paraúna, largo, limpo e belo. Na vila do outro lado da ponte, já entramos no município de Gouveia. Produtores vendem aí suas excelentes frutas (pequi, mangas, umbus, carambolas). A uns 5 km da ponte, à esquerda, há placa indicativa da cachoeira da Capivara, com acesso por carro, muito frequentada nos fins de semana. Dois largos poços garantem banho a muita gente. Mais acima, por outros acessos, o mesmo rio nos brinda com as cachoeiras do Saraiva (70 m de queda) e do Melo, abordável pelo topo e também pelo poço, espetacular nos seus 55 m de queda.

Voltando ao asfalto, cumpre-se sinuosa subida, após a qual se vê, primeiro, a usina hidrelétrica do Paraúna, à direita, e logo após, as torres da primeira usina eólica do Estado, à esquerda. Neste ponto, a 1.200 m de altitude, temos vista magnífica do morro do Camelinho e do pico do Itambé. Pedras parecem brotar do chão; à direita, trilhas para jipes conduzem ao canyon do Paraúna, bravio, selvagem, despejando-se em inúmeras quedas tempestuosas. Seguindo-se à esquerda, rumo às torres de vento, pode-se ir, por

estrada vicinal precária, ao ribeirão Galheiros, em seus dois pontos de interesse, que requerem apenas caminhadas curtas e sem grandes desníveis. De fácil acesso é o Pau Lavrado, série de pequenas quedas e generosos poços para banho. Em trilha mais fechada por mata de monjolos, a árvore local mais emblemática, com tronco e galhos claros, chega-se ao Quilombo, com várias quedas de porte maior e poços e cortinas d'água dos formatos os mais variados.

Retornando ao asfalto em direção à cidade, à direita, a estradinha que conduz a Congonhas do Norte dá acesso ao Cemitério do Peixe. Estranhíssimo povoado secular e desabitado à beira do rio Paraúna, sedia por uma semana uma festa profano-religiosa em honra de São Miguel. Na ocasião, uma multidão se abriga nas casas, singelamente dispostas sobre gramado que cobre ruas e quintais, sem muros nem cercas.

Nos arredores mais próximos, pode-se caminhar, cavalgar ou dirigir por trilha, da vizinha Datas até Gouveia, em 13 km no plano ou ligeiro declive, por dentro das terras da tecelagem São Roberto. Fundada há mais de século, preserva as represas de duas usinas que geravam eletricidade para a fábrica. Próximo também fica o simpático povoado de Cuiabá, que oferece hospedagem em casa de moradores, doces e quitandas e poços para banho (ver www.turismodevilarejocuiaba.com.br).

Atrativo dos mais impressionantes é o Barro Preto, extensa sucessão de cascatas ao longo do córrego Limoeiro. Requer de um a dois dias para se percorrer, guia local e muito preparo físico. Devido ao grande risco de enchentes, só é explorável em agosto e setembro.

Outra pérola para o visitante é fornecida pelo rio Pardinho. Chega-se pela antiga estrada que ligava Gouveia a Monjolos. Onde esta encontra o rio, havia antigamente uma ponte que ruiu, solapada por assoreamento provocado pelo garimpo predatório. Subindo o rio, por uns 500 metros segue-se por praias de areia branca. A partir daí, e nos próximos 2 km, sucedem-se quedas d'água e poços cristalinos. As pedras às margens do rio ainda guardam marcas da dinamite dos caçadores de diamantes. À falta de denominação prévia, batizamos o local como “Caminho das águas do Pardinho”. Voltando à ponte caída, pode-se ainda tomar trilha rio abaixo, que em 3 km no plano conduz a uma aparentemente interminável sequência de cachoeiras de todos os tamanhos e formas, rasgadas no quartzito que varia do branco imaculado à terracota. Às vezes o rio se divide até em três leitos, com cascatas paralelas, depois se reúne de novo

em grandes poços, numa paisagem feérica, difícil de se imaginar, em declive de 600 m até Monjolos, poucos quilômetros à frente. Belíssimo! Ousamos batizar o local “Sete Quedas do Pardinho” – afinal sete é número de mentiroso...

Enfim, as terras de Maria Gouveia ainda hoje revelam paisagens como jóias brutas, abrigando preciosidades frágeis a serem visitadas (a pé, cavalo, de jipe ou bicicleta) e preservadas, tão desconhecidas quanto belas.

(Informações: www.caminhosdaserraong.wordpress.com.br - (38) 9909-2815